

Bruno - Alegria*

Ápio Campos

1

A vida é triste no seu tempo
que os homens despetalaram
Caem as flores do poema
sobre a tumba da alegria
Bruno foi mas Bruno fica
na boca a estrela do riso
brilhando na dor da rua
por onde os passos sambando
espirram melancolia
na rua um rio de lembrança
de esquecimento também
vamos passear na vida
enquanto a morte não vem

2

No meio do batuque
se esgueira do Poeta a voz e o vulto
balança o samba no braço
criança no seu regaço
os corpos se desmantelam
o coração descomprime
mãos-que cruzam os ares
pernas-serpentes se enlaçam
mulheres em bamboleios
sacodem quadris e seios
chovem sobre as fantasias
confetes e melodias
em frenesi saltitante
passos comandam a folia
baques nadam como peixes
nas ondas da bateria
o som nos corta em pedaços
pandeiros lâminas de aço
o tum-tum penetra fundo
cada mão bate no mundo
energias libertadas
pingam das carnes suadas
salta a angústia da goela
saltam os pés na passarela
o medo é branco e parado
o samba é preto e requebrado
tédio não vai à avenida
a paixão é sacudida
não adianta me dizer
que a morte vai chegar
não posso me amolecer
"Não posso me amofiná"

3

Belém é donzela
quanto mais cresce fica mais bela
Belém que todos nós amamos
com uma paixão de cabanos
Belém da luz do mercúrio
que ilumina o palácio e deixa escuro o tugúrio
Belém de Telepasa
que ouve vozes de longe e não ouve os poetas de casa
Belém das largas avenidas
aterradas e asfaltadas:
tenho horror do aterro que aterra o buraco
e o passado
sinto asco do asfalto que salta por cima
de coisas que nos fazem falta
pelô asfalto nos chega o assaltante

O aterro aterra o buraco
não aterra a nostalgia
dessa Belém do batuque
que Bruno em versos cantou
O asfalto recubra o solo
não recubra o samba quente
que o povo solto na rua
em poema transformou
que o grito das britadeiras
não suplante o som da cuíca
que o peso deste progresso
não esmague o Ver-o-Peso
que o cheiro das novidades
não cheira mais que o suor
que os edifícios não subam
mais alto que o carimbó

4

Nesta Belém de sempre e de saudade
as brumas da tristeza não apagam
a memória de Bruno
uma lua sonâmbula percorre
as altas madrugadas do Poeta
à procura do povo e do batuque
ao lado de Candunga
dizendo reza e pagando promessa
pra São Benedito da Praia
Bruno abrindo-se em brandura
pelo povo avoante
chorando sobre o destino
de Maria Dagmar

Bruno abrasado e abrasivo
na cadência dos ranchos e dos blocos
Bruno brilhante
nos sonetos ebúrneos auribrunidos
Bruno bravoso
dos braços tropicais desta nobreza
da alegria do povo bem nascida
na toada do samba embriagada
Bruno brunivalente Bruno bom
Brunivivente
na estória do Boi-Bumbá
Bruno nunca soube o que é tristeza
e nem pôde jamais se amofiná.

5

Por isso cantamos Bruno
em ritmo de batucada
seu nome letra de samba
sua memória toada
sua saudade conosco
de noite de madrugada

não posso esquecer seu canto
sua alegria sem fim
época dentro da noite
delírio de tamborim
não posso apagar a chama
mesmo se a noite acabar
não posso parar o samba
mesmo se a morte chegar
a folia não termina
quando o mundo terminar
não posso me entristecer
“não posso me amofiná”

* O poema de Ápio Campos foi escrito em 1974 para a homenagem que, no Carnaval, o Rancho Não Posso Me Amofiná prestou ao poeta Bruno de Menezes, por ser do Jurunas, bairro onde nasceu